

CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN NA EDUCAÇÃO: DESAFIOS E ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS- UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO MUNICÍPIO DO IPOJUCA-PE

Charlene de Lima Alexandre da Silva ¹

RESUMO

O relato de experiência trata da inclusão de crianças com Síndrome de Down no ambiente escolar, destacando desafios e estratégias pedagógicas. O objetivo é refletir sobre práticas eficazes que favoreçam o desenvolvimento cognitivo e social desses alunos, fundamentando-se em Vygotsky e na teoria da mediação. A metodologia adotada foi qualitativa, baseada em observações em sala de aula e análise de práticas inclusivas. Foi realizado com 12 turmas de uma escola do ensino regular no município do Ipojuca- PE, Distrito de Camela. A proposta consistiu na aplicação de uma sequência didática como estratégia pedagógica para observar sensibilizar os estudantes e comunidade escolar com Síndrome de Down. Além disso, possibilitou aprofundar o contato dos estudantes e suas contribuições pré concebidas sobre o tema.

Os teóricos apresentados como base foram: Vygotsky (1920), onde seus estudos sobre mediação e desenvolvimento cognitivo, incluindo a relação entre pensamento e linguagem, foram publicados. Suas ideias sobre a zona de desenvolvimento proximal influenciam estratégias pedagógicas para crianças com deficiência. A obra de Sue Buckley (1980) com pesquisas sobre o desenvolvimento linguístico e cognitivo de crianças com Síndrome de Down, especialmente focadas no ensino da leitura e comunicação e Leite (2021) que analisou a evolução histórica e os conceitos relacionados à síndrome, abordando questões de inclusão social e educacional. Assim, buscou-se em Ipojuca sensibilizar a comunidade escolar sobre a inclusão de crianças com Síndrome de Down.

Através de atividades reflexivas, alunos e professores vivenciaram práticas inclusivas. O relato destaca o impacto positivo da sensibilização para a construção de uma escola mais acolhedora.

Palavras-chave: Síndrome de Down. Educação. Inclusão. Relato de experiência.

A inclusão escolar de crianças com Síndrome de Down tem se consolidado como um tema de grande relevância no cenário educacional brasileiro, em consonância com as diretrizes da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, 1996) e com os princípios do Plano Nacional de Educação (PNE, 2014–2024). A presença de alunos com deficiência intelectual em classes regulares não apenas promove direitos humanos e sociais, como também estimula a formação de uma cultura de respeito à diversidade, essencial

¹ Mestra em Linguística pelo Proling- Universidade Federal da Paraíba- UFPB, charlene.limaalexandre@gmail.com;



para o desenvolvimento cognitivo e social de todos os estudantes.

No contexto do município de Ipojuca – PE, Distrito de Camela, a escola regular enfrenta desafios específicos relacionados à preparação docente, estratégias pedagógicas adequadas e sensibilização da comunidade escolar.

Este relato de experiência busca abordar práticas que possam favorecer a inclusão efetiva, considerando as contribuições teóricas de Vygotsky (1920) sobre mediação e zona de desenvolvimento proximal, bem como os estudos de Sue Buckley (1980) e Leite (2021) sobre desenvolvimento cognitivo, linguístico e inclusão de crianças com Síndrome de Down.

Objetivo geral: Refletir sobre práticas pedagógicas que favoreçam a inclusão de crianças com Síndrome de Down em turmas do ensino regular, promovendo seu desenvolvimento cognitivo, linguístico e social.

Objetivos específicos:

- Analisar estratégias de mediação que favoreçam a aprendizagem colaborativa.
- Sensibilizar alunos e comunidade escolar para a diversidade e inclusão.
- Observar e registrar impactos de atividades pedagógicas inclusivas em turmas de 12 turmas de Ipojuca – PE.

Referencial Teórico

Vygotsky (1920) fundamenta a importância da interação social e da mediação na aprendizagem, enfatizando que o desenvolvimento cognitivo ocorre de forma qualitativa a partir de relações com outros mais experientes. Sua concepção de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) orienta a atuação docente na mediação de aprendizagens que ainda não são totalmente internalizadas pelo aluno, sendo especialmente relevante para crianças com deficiência intelectual.

A aplicação de ZDP em sala de aula permite identificar tarefas que estão ao alcance do aluno com apoio adequado, promovendo progressivamente autonomia e confiança em suas capacidades.



Buckley (1980) contribui para compreender o desenvolvimento linguístico e cognitivo de crianças com Síndrome de Down, destacando a importância do ensino estruturado da leitura, comunicação e atividades que promovam a autonomia. A autora ressalta que crianças com Síndrome de Down se beneficiam de instruções claras, repetição estruturada e uso de múltiplos canais de comunicação (visual, auditivo e tátil), reforçando a necessidade de adaptação pedagógica individualizada.

Leite (2021) traz um panorama histórico da inclusão escolar no Brasil, discutindo conceitos, políticas públicas e práticas pedagógicas que favorecem a participação efetiva de crianças com necessidades especiais. Segundo Leite, a inclusão vai além da presença física em sala de aula: envolve mudanças na cultura escolar, desenvolvimento profissional docente e estratégias que promovam equidade de oportunidades.

Além disso, estudos recentes enfatizam que a inclusão efetiva depende de práticas colaborativas entre docentes, familiares e demais alunos (SILVA; PEREIRA, 2019). A construção de um ambiente inclusivo requer planejamento curricular flexível, avaliação adaptativa e estratégias de ensino que considerem as potencialidades individuais.

A literatura evidencia ainda que o uso de recursos visuais, tecnologia assistiva e jogos pedagógicos contribui para a ampliação do aprendizado de crianças com Síndrome de Down (MARTINS, 2020; OLIVEIRA, 2021).

A articulação entre teoria e prática é fundamental: atividades em sala de aula devem promover não apenas aquisição de conhecimentos acadêmicos, mas também habilidades socioemocionais e atitudes inclusivas, promovendo respeito à diversidade, colaboração e empatia (BRASIL, 2017; BNCC, 2018).

Portanto, compreender as necessidades cognitivas e linguísticas dessas crianças, aliados ao conhecimento de mediação e estratégias pedagógicas inclusivas, constitui a base para práticas educativas efetivas e transformadoras.



Metodologia

O estudo adotou abordagem qualitativa, baseada em observações sistemáticas em sala de aula, registros de práticas pedagógicas e análise reflexiva das interações entre alunos, professores e comunidade escolar, seguindo métodos descritos por Bogdan e Biklen (2003) e Creswell (2014). As 12 turmas observadas pertenciam ao ensino regular de uma escola de Ipojuca – PE, Distrito de Camela, permitindo compreender as práticas inclusivas em diferentes níveis de ensino.

A sequência didática aplicada foi estruturada com base nos objetivos traçados, buscando promover a sensibilização dos alunos e da comunidade escolar, estimular a aprendizagem colaborativa e favorecer o desenvolvimento cognitivo e linguístico de crianças com Síndrome de Down. Conforme recomenda Patton (2002), a coleta de dados qualitativa incluiu: anotações de campo detalhadas, relatos de professores, registros fotográficos de atividades e entrevistas semiestruturadas com docentes.

A análise das práticas pedagógicas seguiu abordagem de triangulação de dados, cruzando observações, relatos e evidências coletadas, garantindo validade e confiabilidade dos resultados (Denzin, 2009). Foram examinadas especificamente: a participação das crianças com Síndrome de Down, estratégias de mediação adotadas pelos professores, interação com os colegas, uso de recursos visuais e tecnológicos, além do impacto das atividades na percepção e atitudes dos alunos e docentes.

O estudo também incorporou reflexões contínuas durante a aplicação da sequência didática, alinhando teoria e prática, conforme preconizam Vygotsky (1920) e Buckley (1980). Essa abordagem possibilitou ajustar estratégias pedagógicas em tempo real, respondendo às necessidades individuais e coletivas, promovendo um ambiente inclusivo mais efetivo e sensível às diferenças



Resultados e Discussão

As atividades aplicadas demonstraram impacto significativo na sensibilização da comunidade escolar. Os alunos passaram a reconhecer diferenças individuais como oportunidades de aprendizado mútuo, promovendo atitudes mais empáticas e colaborativas. Observou-se que estratégias de mediação baseadas na ZDP possibilitaram a participação ativa de crianças com Síndrome de Down, adaptando o nível de complexidade das tarefas e favorecendo a aprendizagem progressiva.

Professores relataram que a sequência didática contribuiu para repensar práticas pedagógicas, adotando recursos diversificados e estratégias de reforço positivo. A integração de conteúdos acadêmicos com atividades socioemocionais evidenciou a eficácia de abordagens inclusivas centradas no aluno.

Além disso, notou-se que o engajamento dos colegas sem deficiência desempenhou papel importante no processo de inclusão, pois práticas colaborativas e trabalhos em grupo permitiram a troca de conhecimentos, habilidades sociais e atitudes empáticas.

A presença de atividades lúdicas, jogos e dinâmicas de interação também ampliou a motivação dos alunos, favorecendo a participação efetiva e a percepção positiva da diversidade.

Outro aspecto relevante observado foi a evolução do protagonismo das crianças com Síndrome de Down, que gradualmente assumiram maior autonomia nas atividades propostas, mostrando melhora na comunicação, no vocabulário e na compreensão de conceitos básicos.

Esse progresso reforça a importância da mediação intencional e da adaptação das atividades conforme as potencialidades individuais, em consonância com os estudos de Buckley (1980) e Vygotsky (1920).

A análise indica ainda que a sensibilização da comunidade escolar não se limita apenas aos alunos, mas envolve professores e familiares. Oficinas,



encontros e reflexões em grupo ampliaram a compreensão sobre inclusão, gerando atitudes mais acolhedoras e fortalecendo a cultura de respeito à diversidade. Tais práticas demonstram que a inclusão é um processo contínuo e multidimensional, que exige planejamento, acompanhamento e reflexão constante.

Portanto, os resultados evidenciam que estratégias pedagógicas estruturadas, mediação adequada e envolvimento da comunidade escolar são elementos fundamentais para a construção de um ambiente inclusivo e de aprendizagem significativa para crianças com Síndrome de Down.

Considerações Finais

O relato evidencia que a inclusão de crianças com Síndrome de Down em turmas regulares é viável e altamente benéfica quando fundamentada em estratégias pedagógicas adequadas e mediação intencional. A experiência em Ipojuca – PE demonstrou que atividades reflexivas, sequências didáticas planejadas e uso de recursos diversificados podem transformar atitudes, promover empatia, estimular habilidades socioemocionais e fortalecer práticas inclusivas.

A continuidade de ações pedagógicas estruturadas, aliada à formação contínua de docentes e à sensibilização da comunidade escolar, é essencial para consolidar a escola inclusiva, garantindo que todos os alunos tenham oportunidades equitativas de aprendizagem e desenvolvimento integral.

Além disso, a reflexão crítica sobre a prática pedagógica contribui para o aprimoramento do trabalho docente, fortalecendo a cultura da inclusão como um valor central na educação.

Observou-se que a implementação consistente de práticas inclusivas possibilita não apenas o desenvolvimento acadêmico, mas também o crescimento social e emocional de todos os estudantes, promovendo um ambiente de colaboração, respeito e compreensão das diferenças individuais. A participação ativa dos alunos em atividades coletivas, combinada com



estratégias de mediação adaptadas, favorece a construção de relações empáticas e a internalização de valores de cidadania e solidariedade.

O papel da formação docente contínua torna-se ainda mais relevante, uma vez que professores bem preparados são capazes de planejar e aplicar atividades diversificadas, atender às necessidades específicas de cada criança e adaptar o currículo conforme as demandas da sala de aula.

Atividades lúdicas, projetos colaborativos e o uso de tecnologias assistivas se mostram recursos eficazes para engajar alunos com Síndrome de Down, permitindo que eles expressem suas habilidades e conhecimentos de forma plena.

A sensibilização da comunidade escolar, incluindo familiares e profissionais da educação, também se mostra fundamental. Workshops, reuniões e oficinas de capacitação promovem maior compreensão da inclusão e incentivam a participação de todos os envolvidos no processo educacional, fortalecendo o compromisso coletivo em prol da equidade.

Por fim, a consolidação de práticas inclusivas contínuas contribui para a transformação cultural da escola, criando um ambiente acolhedor, democrático e plural.

A experiência evidencia que, quando combinadas, mediação intencional, planejamento pedagógico estruturado, formação docente e envolvimento comunitário promovem uma educação de qualidade e significativa para todas as crianças, reafirmando o valor da diversidade como elemento central do processo educativo.

Referências

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 30 out. 2025.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília: MEC, 2018.



BUCKLEY, S. Educating Children with Down's Syndrome. London: Croom Helm, 1980.

LEITE, L. Inclusão escolar e Síndrome de Down: trajetórias e desafios. Recife: Editora Universitária, 2021.

VYGOTSKY, L. S. Pensamento e Linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1920.

PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – PNE. Lei nº 13.005, 2014–2024. Brasília: MEC, 2014.

